

# Chico de Oliveira, o mestre do pensar digno

Carlos Eduardo Fernandez da Silveira\*

*“Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas.” (Guimarães Rosa)*

**A**gradeço ao convite do Alexandre Barbosa para compor este painel para falar do querido Chico de Oliveira, concentrado no período ‘cebrapiano’ nos anos 70. A lembrança do Chico é carregada de emoções e pensamentos, como ele era de fato, daí o caráter extremamente pessoal deste depoimento que, creio, todos que com ele conviveram compreenderão. Vou buscar fazê-lo, mas limitado ao período 1972-75, porque em fevereiro deste último ano embarquei para fazer a pós-graduação na *New School for Social Research* que, em parte, se deve a acontecimentos desse período do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) que relato um pouco mais adiante.

Bem, em 1972, eu era um jovem há pouco egresso da prisão política, onde havia permanecido por quase dois anos. Fazia a Faculdade de Economia da USP, ali na Rua Dr. Vila Nova, travessa da Rua Maria Antonia, centro de tantas batalhas políticas. Militava então em um partido clandestino contra a ditadura e, por conta disso, cumpri quase dois anos de prisão. Saí em julho de 1971 e voltei para o 3º ano da FEA, já então no campus da USP e consegui um emprego de estagiário numa empresa de planejamento. Em dezembro desse ano, os amigos Henry Philippe Reichstull e Frederico Mazzuchelli tramaram minha ida para o Cebrap e em janeiro de 1972 lá fui contratado como estagiário, na minha passagem para o último ano da faculdade.

Jovem e iniciante nas aventuras do pensamento, imagine-se meu deslumbramento. Na casa da Rua Bahia, pude conhecer intelectuais de primeiro time, todos de algum modo engajados na resistência à ditadura pela via da compreensão, discussão e exposição dos problemas econômicos e sociais presentes na vida brasileira. Na diversidade dos que a compunham, ali se respirava a liberdade total do pensamento, ainda que limitado ao espaço daquela casa na Rua Bahia, mas que se expunha em escritos através de publicações próprias e de colaboradores que circulavam para o público interessado. Havia uma diversidade de preocupações e assuntos, mas o meu tema, a economia, ou melhor, a economia política, me fez aproximar imediatamente de Chico de Oliveira e

\* Carlos Eduardo Fernandez da Silveira é economista aposentado e professor.

de Paul Singer, ademais de Fernando Henrique Cardoso, que foi quem me contratou. Conhecia de nome Paul Singer que fora professor da FEA, mas fora afastado e o Chico eu não conhecia. Fiquei imediatamente fascinado, tanto pela sua capacidade intelectual como por sua simplicidade, afetividade, senso de humor e generosidade. Isso ocorreu logo depois que seu texto “Economia brasileira: Crítica à razão dualista” tivesse sido publicado com enorme repercussão. O artigo contrapunha uma crítica a ideias cepalinas consagradas e a posições então de Celso Furtado, mas respeitando a tradição que aquela instituição e aquele economista representavam. Estava dentro dela, mas propunha uma compreensão mais além. O atraso, buscando ser sintético, antes de deter o avanço do moderno, integrava-se com ele, dialeticamente.

Eram tempos de debates intensos na busca de explicações e proposições para um país que buscasse tirá-lo do ‘subdesenvolvimento’, conceito da raiz cepalina e se aproximasse do mundo desenvolvido. Um mundo desenvolvido ocidental que, aliás, era capitalista, mas em tempos social-democratas, o que levava a que todos se beneficiassem do crescimento econômico naqueles países, independente de muitas outras questões. Mirava-se os EUA e a Europa e via-se isso. As leis do capitalismo sim em vigor, mas temperadas, contidas, pela sociedade e pela política, resultando em progresso, mas também distribuição dos frutos desse desenvolvimento. Distante, portanto, dos tempos neoliberais de hoje quando não só o capitalismo como fonte de crescimento econômico perdeu força, como tornou-se muito mais excludente econômica e socialmente. Matéria que, aliás, veio a compor as preocupações do Chico depois dos anos 70.

Mas nem tudo eram ‘rosinhas flores’, na feliz expressão de Guimarães Rosa. A ditadura, embora nos permitisse aquele espaço de liberdade, se fez presente em vários momentos, com pressões variadas e, finalmente, com a prisão de alguns de nós.

O Cebrap à época repartia-se entre, de um lado, projetos intelectuais próprios de professores autônomos das Universidades, espaço que havia sido roubado de vários membros, pela sua expulsão delas, como Elza Berquó, Paul Singer, Octavio Ianni, José Artur Giannotti ou limitação de espaço como ao próprio Fernando Henrique Cardoso; e, de outro, por necessidade financeiras, a de trabalhar em projetos de pesquisa e de planejamento oriundos de interesses que não nasciam das preocupações pessoais dos membros, mas de preocupações divididas com outros organismos sociais e/ou estatais e que pudessem vir a financiá-los. A Fundação Ford fornecia parte dos recursos necessários, de um modo que permitia uma boa autonomia para as pesquisas ‘livres’, por assim dizer. Os projetos por sua vez tinham muitas vezes um caráter de pesquisa mais abstratos, de interrogações menos pontuais, mas outras eram mais concretas e específicas e respondiam a necessidades dos contratos. Em parte dessas trabalhei com o Chico, de quem me tornei amigo apesar da diferença de idade em torno de 15 anos. Algumas contratadas por órgãos do Estado. Dois exemplos: um contrato com a Secretaria do Planejamento da Bahia por obra e arte de amigos de Chico que coordenou o projeto, cujo secretário era Mario Kertesz e o governador, pasme-se, era Antonio Carlos Magalhães; outro com a Secretaria de Planejamento de São Paulo, cujo secretário era Jorge Wilhelm e o governador Paulo Egídio Martins. Havia brechas nos meandros da burocracia estatal pública, muitas vezes devido a contatos pessoais. E havia, ditadura e tudo, um estamento burocrático que via no planejamento, na organização pública do Estado uma função superior e que buscava competências, sem perguntar sua filiação ideológica.

O centro das discussões nessa época, no começo dos anos 1970, era o chamado 'mesão'. Ali, numa mesa grande central, ficávamos espalhados por ela e pelo entorno, onde eram expostos os textos tanto de membros do Cebrap como de pesquisadores, intelectuais e professores convidados. Imagine-se o impacto que causava no jovem, veterano quanto à experiência do cárcere, mas quase imberbe nos grandes debates intelectuais avançados, e na profundidade das discussões que ali se mantinha. Foi ali, por exemplo, que se discutiu o texto do Chico já mencionado. Foi ali também, que se discutiram textos de Maria da Conceição Tavares, Fernando Henrique, Paul Singer, Pedro Malan e tantos outros, inclusive uma discussão ampla que levou mais de uma sessão sobre a distribuição de renda no Brasil, tema que ganhou fôlego com as revelações que o Censo de 1970 havia trazido, particularmente por trabalhos de Rodolfo Hoffman e João Carlos Duarte que, também, passou algum tempo breve no Cebrap antes de rumar, também, para a *New School* em Nova York, onde então viemos a ser colegas depois de 1975.

Evidentemente, um lugar com tantos intelectuais de peso, posso dizer que, a par de Fernando Henrique Cardoso, realmente o presidente de direito e líder natural da instituição, quando deixou de ser de direito, do Cebrap, Chico tinha o respeito de todos, ainda que fosse bem mais ousado em suas críticas a outros pensadores da realidade brasileira que faziam parte do, digamos, acervo intelectual crítico do Brasil então.

Tinha também, e não poderia ser diferente, uma preocupação regional, por conta de sua origem nordestina e sua experiência como número dois da Sudene quando Celso Furtado era o número um. Um exemplo está no trabalho em parceria com Phillippe Reichstul, "Mudanças na divisão inter-regional do trabalho no Brasil" e no livro "Elegia para uma re(li)gião – Sudene, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes". Mas sua preocupação em repensar a sociedade brasileira, em particular, e a América Latina, em geral e com sua forte raiz intelectual nos trabalhos da Cepal, levou-o a escrever o texto "Para entender a revolução peruana - do modo de produção asiático a crise de 1968", sobre a experiência inovadora que se buscava no Peru.

Veio, então, o episódio de sua prisão. Ela não foi sua primeira vez. Nos idos de 1964 já havia sido preso por dois meses, o que o fez deixar o país e viver em outros países da América Latina. Mas desta vez era nos tempos mais ferozes da ditadura. Narro agora porque dá uma ideia de como funcionava a polícia política à época. Deu-se assim:

Um belo dia os agentes do Deops foram à minha casa me prender e à minha esposa, casamento, aliás, de que Chico fora o padrinho. Foi uma *razzia* que prendeu a nós dois e a muitas outras pessoas num mesmo dia, parte deles amigos nossos e conhecidos, alguns ex-presos políticos. Foram talvez 40-50 prisões sob o comando geral do tristemente famoso delegado Sérgio Paranhos Fleury. Aliás, todos fomos soltos depois de 15 a 30 dias, à exceção do Chico que ficou uma semana e pouco a mais, sem um processo sequer. Parecia-se querer, dentro da disputa entre os militares que já havia dentro da ditadura entre linha dura e distensionista, querer fortalecer a linha dura pela afirmação de que aqueles presos ameaçavam a ditadura. Mas é apenas uma hipótese imaginada pelo despropósito em que se constituiu.

Retomando a narrativa, estavam os agentes do Deops já dentro de casa a caçar livros que achassem subversivos e sei mais o que, quando toca a campanha do sobrado em

que morávamos cuja porta dava direto na rua. Assusto-me e os agentes se posicionam para a guerra. Mandam que abra a porta. Obedeci e Chico está lá fora e logo disse: “O Fred caiu!” ‘Caiu’ era o termo usado há décadas por organizações clandestinas como o velho PCB para dizer que alguém fora preso. Um jargão de militantes que o Chico não era, assim como o Fred, Frederico Mathias Mazzuchelli, e tampouco eu e a Marina. Prenderam-no imediatamente. E lá no Deops ficou em isolamento muitos e muitos dias, inclusive, não sei quanto tempo numa cela a que chamavam ‘o forno’ porque era totalmente fechada, como uma lâmpada gigantesca para gerar um calor quase insuportável e sofrendo torturas.

Chico foi solto, creio, 45 dias depois, enquanto eu fiquei um mês, a Marina 15 dias e o Fred, creio que também 30 dias.

Poucos meses depois, o Regis Castro Andrade, que tinha ligações com o Cebrap, tentou enviar documentos de seus tempos de militante para o exterior para onde iria fazer pós graduação. Prenderam-no, por isso, no Doi-Codi. Em seguida detiveram Paul Singer e Vinicius Caldeira Brant, que como ex-presos políticos chegou a ser torturado. O então ministro Severo Gomes, amigo de FHC, entrou no caso e decidiram chamar um a um os membros do Cebrap para depor no Doi-Codi evitando outras prisões. E lá fui eu e lá foi Chico, ademais de FHC, Octavio Ianni e os outros, três por dia para uma inutilidade. Mas o depoimento possível de todos não tinha nada a ver com a simplicidade da tortura para dizer outros nomes. De fato, não sabiam o que perguntar e, logo a partir do segundo dia – fomos de três em três – houve o desinteresse.

Logo depois fui para a *New School for Social Research* nos EUA para fazer pós-graduação. Soube lá que, creio em 1976, uma bomba fora colocada no escritório da Rua Bahia, o que levou a que o Cebrap mudasse para um prédio na região da Paulista buscando segurança.

A ditadura havia rompido o equilíbrio anterior. Fui, então, para os EUA num quase autoexílio, voltando apenas em 1979 quando o Cebrap já estava diferente e se situava na Alameda Campinas.

Quando voltei ao Brasil, fiquei pouco tempo no Cebrap. Logo depois deixei o Cebrap assumindo um caminho profissional mais adequado a meu perfil.

Quando um bom tempo depois e fazendo parte dos quadros do Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo, retomei meu doutorado que havia interrompido, desta vez no Instituto de Economia da Unicamp. A tese, sobre um tema afim a meus trabalhos da DEES/IPT, do qual era diretor, foi defendida lá na Unicamp e tinha o título “Desenvolvimento tecnológico no Brasil: autonomia e dependência num país periférico industrializado”. Chico compunha a banca. Daí que ele traz um texto escrito de várias páginas a seu estilo: ‘datilografado’ com espaço um e margem mínima em tempos pré ‘word’. E me fez uma arguição muito interessante e estimulante com o que dialoguei. Mas houve um momento em que não o compreendi. É quando fez a analogia do que viu na minha tese, com “O Ornitorrinco”. Fiquei a dar voltas mentais para entender como aquele bicho mamífero que põe ovos e tem ferrão venenoso, além do bico de pato, no isolamento da Nova Zelândia, usado na sua metáfora, mantinha contato com o que havia escrito e com o que ele havia dito.

A Compreensão só viria com a publicação do texto, que logo se tornou uma referência: “O Ornitorrinco”. Ao qual após um agradecimento: “Foi na defesa de tese de doutoramento de Caico, amigo dos tempos sombrios, conhecido socialmente como Carlos Eduardo Fernandez da Silveira, de cuja banca honrosamente fazia parte no Instituto de Economia da Universidade de Campinas em 19 de outubro de 2001, que, de repente, deu-me um estalo: a sociedade e a economia que ele descrevia, em seus impasses e combinações esdrúxulas, só podiam ser um ornitorrinco. Devo-lhe mais essa, Caicão.”

Sei que no próximo painel se tratará do ‘Ornitorrinco’, mas gostaria de dividir com vocês uma interpretação muito pessoal de um aspecto tratado por Chico no artigo quase vinte anos antes de um livro recém-saído de Yanis Varoufakis. Varoufakis escreveu um livro que, em português, denominou ‘Tecnofeudalismo: o que matou o capitalismo’<sup>1</sup>. Segundo ele o domínio da tecnologia digital sobre o mundo econômico acabou com o mercado transformando-o em feudos e com o lucro transformando-o em renda. “Especificamente, é uma forma de aluguel que deve ser pago pelo acesso a essas plataformas e à nuvem de forma mais ampla. Eu (Varoufakis) chamo isso de renda na... ‘nuvem’”. E continua, afirmando que, assim, o poder escapa até aos capitalistas que “Continuam a extrair lucros dos trabalhadores, do trabalho assalariado, mas já não estão no comando como antes (...). Quanto ao resto de nós, regressámos ao nosso antigo estatuto de servos, contribuindo para a riqueza e o poder da nova classe dominante com o nosso trabalho não remunerado – para além do trabalho assalariado que realizamos, quando temos oportunidade.”<sup>2</sup>

Esta preocupação, penso, já estava embrionária no ‘Ornitorrinco’ vinte anos antes e relembro a preocupação de Chico de Oliveira com a tecnologia a que chamou de ‘molecular digital’. Manifestava a preocupação de que as mudanças no mundo do trabalho fariam com que “as forças do trabalho já não têm ‘força social’ erodida pela reestruturação produtiva e pelo trabalho abstrato-virtual e ‘força política’(...) restam apenas as ‘acumulações primitivas’, tais como as que as privatizações propiciaram (...) [e que] (...) são apenas transferências de patrimônio, não são propriamente falando, ‘acumulação”. Ou seja, concludo, são rendas, não lucros, de uma força monopólica que não busca acumulação pelas leis do capitalismo que Marx estudou.

Ambos tratam quase de intuições do porvir, a partir de sua compreensão e inteligência sobre os processos econômicos em curso e em profunda transformação. E, no Ornitorrinco, Chico mostra sua preocupação com as novas formas de contratação da força de trabalho que derivam da tecnologia ‘molecular digital’ nos seus próprios termos:

*“O trabalho mais pesado, mais primitivo, é também lugar do trabalho abstrato virtual. Sua forma, uma fantasmagoria, um não-lugar, um não-tempo, que é igual a tempo total... e como “capital variável”, os salários eram um ‘custo’; como dependentes da venda das mercadorias/produtos, os rendimentos do trabalho, que não são mais adiantamento do capital, já não são ‘custo’.”<sup>3</sup>*

Assim era o Chico. Essa generosidade se desdobrava para além da sua enorme capacidade intelectual, que não era em si ou para si, mas para buscar fora dele, embora com ele, um mundo melhor para todos. Era tão assim que não admitia qualquer traição pessoal, o Chico virava fera ferida quando lhe aplicavam o que sentia ser uma

<sup>1</sup> Varoufakis, Y. (2023) “Tecnofeudalismo; what killed capitalism”. London: Melville House.

<sup>2</sup> Varoufakis, Y. (2023) “El capitalismo está muerto. El nuevo orden es una economía tecno-feudal”. Em El País, em 07.10.2023. Disponível em <<https://elpais.com/economia/negocios/2023-10-07/yanis-varoufakis-el-capitalismo-esta-muerto-el-nuevo-orden-es-una-economia-tecno-feudal.html>>.

<sup>3</sup> Oliveira, F. (2003) “O ornitorrinco”. São Paulo, Ed. Boitempo, Pg.138.

rasteira, uma deslealdade, uma aleivosia, uma ursada. Foi o que, penso, ter acontecido em 2003. Lula já presidente, houve uma edição do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Chico de Oliveira foi responsável pela organização de um livro junto ao Painel sobre Socialismo para ser publicado pelo então Instituto de Cidadania. Mas houve um veto à sua publicação por tocar em temas que na Presidência achavam sensíveis demais diante do que se havia acertado na linha da 'Carta ao Povo Brasileiro' de 2002. Chico nunca aceitou essa censura e teve áspera discussão com os interlocutores. Sua indisposição com Lula nos anos que se seguiram tiveram a ver, substantivamente, com o que enxergava serem os limites estabelecidos nos acordos implicados na Carta e que limitavam o salto que gostaria que o Brasil desse e, nos seus termos, implicasse na continuidade da experiência neoliberal. Mas, adjetivamente, havia um desgosto resiliente pelo que sentiu ser um atraioamento pessoal e político em 2003.

Paixão, engajamento, um enorme coração e sensibilidade pública, que se combinava com sua extraordinária inteligência, posta a serviço de causas progressistas. Assim era o Chico. Aquele que fazia as 'maiores perguntas' do Riobaldo do "Grande sertão: veredas".

Obrigado, "Chico de Oliveira, mestre do pensar digno."